

PÁGINA Desportiva

Por LUÍS ALVES

OS REFORÇOS ESTRANGEIROS

NO «FOOTBALL» PORTUGUÊS

EM desporto e em «football» — para só falarmos de desporto e de «football» — caminhamos com razoável atraso dos países mais evoluídos. Tal situação, apesar de tudo, também poderia ter algumas vantagens, desde que soubéssemos estar atentos às conclusões a que os outros chegaram. Sempre era uma lição grátis e muito útil. Mas, pelo visto, nem isso sabemos fazer.

Os países que mais cedo se lançaram na importação de jogadores estrangeiros acabaram por se arrepender. Não conseguiram eliminar o mal, porque ele alimentava vários ramos de negócio, mas os protestos bem fundados não deixariam de se ouvir, principalmente em Itália, depois de se ter verificado que a sua cotação internacional baixava a olhos vistos, não obstante serem muito fortes as «équipes» de «club».

Para debelar a crise é que surgiu a variante dos «oriundos», corolário de mentiras muito pitorescas, que ainda hoje provocam boas gargalhadas. Os franceses resolveram a questão com mais simplicidade, enveredando pela nacionalização em massa. Assim apareceram na selecção nacional francesa nomes que os latinos têm muita dificuldade em pronunciar, mas que a Europa Central pronunciava com relativa facilidade... Neste aspecto, tanto nestes dois países, como noutros, o «football»-espectáculo encheu-se de deliciosas fantasias.

O «football» português, que não dispõe de idênticas possibilidades materiais, não conseguiu, mesmo assim fugir à tentação de montar o seu mercado importador, com alegações que às vezes também são deliciosas fantasias, como é o caso do preço de custo, quase sempre apresentado como verdadeira pechincha. E em breve poderemos apresentar, se cair na selecção, uma bela colecção de «oriundos».

Independentemente de não termos anheiro para estes luxos, por mais que o queiram negar, ou disfarçar (as contas dos «club» documentam esta afirmação), também não vemos que tal importação seja defensável, pelo menos enquanto não existir um «football» profissional declarado e devidamente regulamentado, exclusivamente destinado ao espectáculo e rigorosamente separado da verdadeira competição, que englobará os praticantes amadores. Nessa altura, se as receitas o permitirem e uma vez que o futuro da modalidade já não pode ser afectado, pois estará defendido pelo sector maciço do «football» amador, está perfeitamente certo que o espectáculo se refresque e valorize com artistas estrangeiros. A bancada que terá de manter o espectáculo, nada tendo que ver com isso a cotação clubista, merece ser cultivada.

No entanto, poucas possibilidades tem um «football» deste género, de vingar em Portugal. O espectador português, salvo poucas excepções, não se interessa pelo «football» propriamente dito, mas sim pelas lutas clubistas. E que sabor poderão ter tais lutas, se na representação predominarem os reforços estrangeiros, isto é, se os campeonatos significarem apenas uma eventual superioridade material? Presentemente o interesse ainda não desapareceu, embora esteja a diminuir, porque o manto das aparências está a encobrir as realidades. Mas quando ele cair e a chama clubista for enfraquecendo, ver-se-á como está usado o processo que estão a seguir.

UM QUE SABE QUANTO CUSTA...

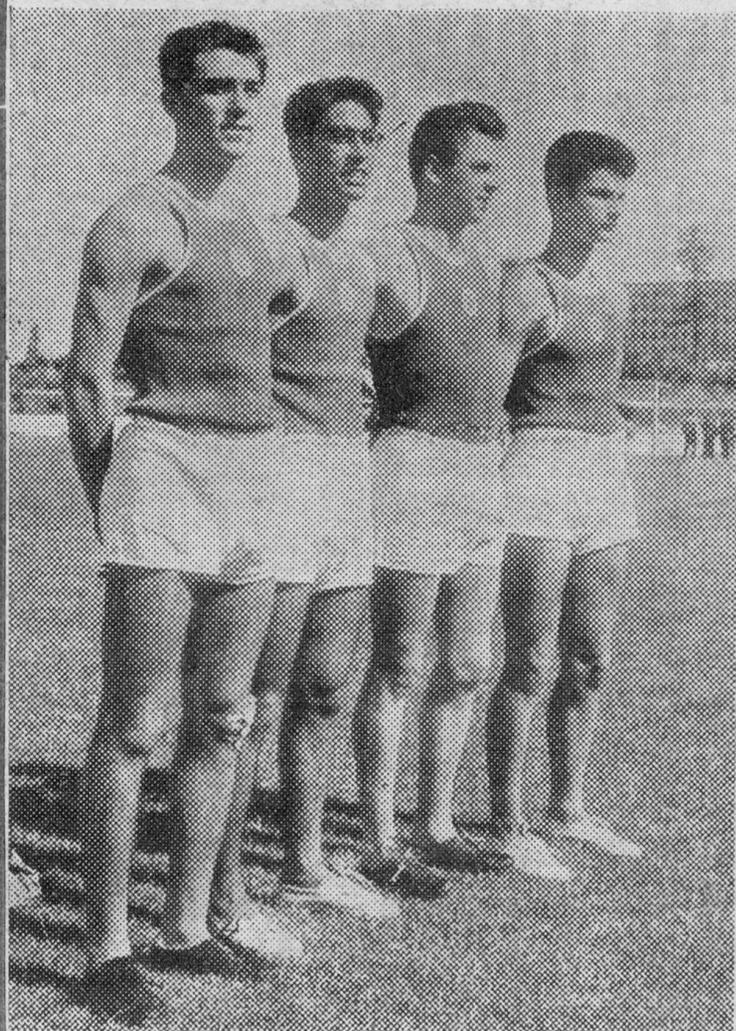
Uma das coisas mais ingratas para os jornalistas é ter de escrever em cima do acontecimento com a obrigação, imposta pelo sentido da dignidade profissional de deixar bem expressa uma opinião e uma posição de crítica. Pior ainda se o acontecimento termina de madrugada e o jornalista, como tantas vezes sucede, tem de levantar-se cedo. Este é um dos ossos mais difíceis da profissão.

Ainda há dias, e neste caso com muito mais razão, este momento difícil da vida do jornalista foi claramente definido pelo camarada francês Paul Frere, após as 24 horas de Le Mans, de que ele foi repórter e animoso concorrente: «Custou-me muito chegar ao fim e vencer mil dificuldades: da esgotante competição, mas vai custar-me muito mais ter de fazer já a reportagem do acontecimento, sem sequer ter tempo de arrumar as ideias».

O VASCO DA GAMA LEVOU A CARTA A GARCIA...

Quando o Vasco da Gama jogou há dias, em Paris, teve que resolver, com notável decisão e espírito de sacrifício, um inesperado problema de trânsito. A caminho do estádio, o autocarro que conduzia os vascainos ficou «entalada» num engarrafamento de trânsito. Vendo que o tempo passava e receando não chegar a tempo, os jogadores do Vasco pegaram no equipamento e lá foram correndo pelas ruas de Paris. Reduziram as suas possibilidades atléticas, mas demonstraram que o público lhes merece o maior respeito.

ATLETAS DO FUTURO



A «equipe» de estafetas de 4 x 250 m. do Benfica, vencedora no campeonato nacional de aspirantes, com a média de 31,9

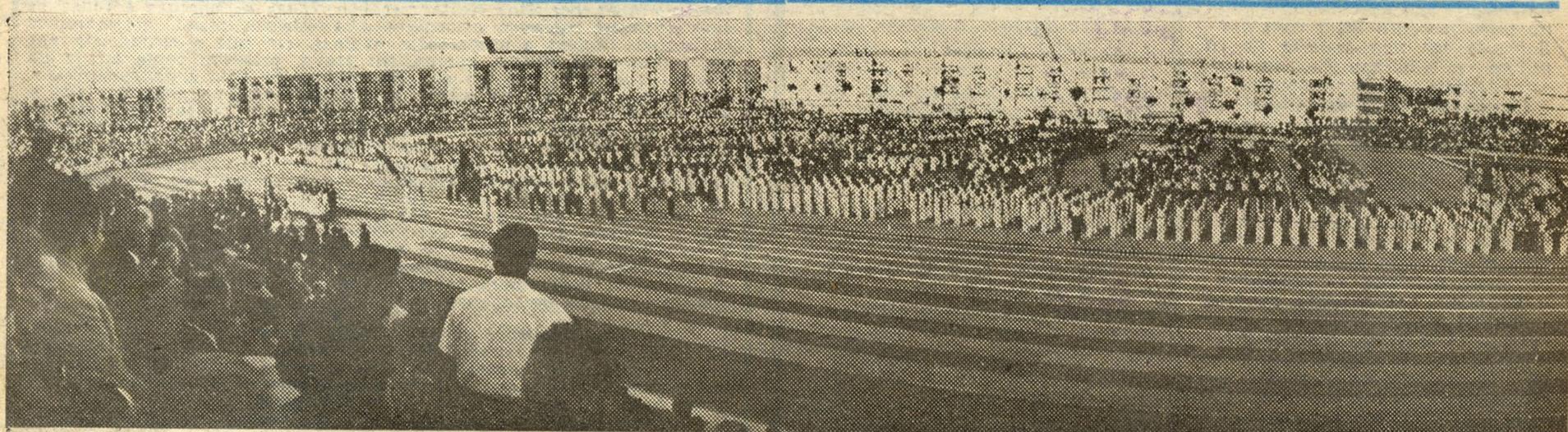
QUANDO O DESTINO MANDA...

Rik Van Steenbergem é um dos melhores ciclistas europeus e dos mais famosos e populares da Bélgica. A sua carreira, que foi gloriosa, está praticamente no fim, mas quando o «velho» Rik se apresenta na linha de partida, todos sabem que é preciso dar às «canetas» para lhe ganhar.

Mas Rik Van Steenbergem entrou no ciclismo um pouco por acaso. Tinha ele quin-

ze anos, quando foi acompanhar seu irmão, mais velho que ele dois anos, que devia tomar parte numa prova. Mas o mano, no momento da partida, entendeu que há outros meios, muito mais agradáveis para um homem passar o tempo. Não quis alinhar. Foi então que o destino traçou a Rik a auspiciosa trajectória. Não querendo deixar mal colocado o nome da firma, o rapaz de quinze anos meteu-se entre os homens encavalitado na bicicleta de

(Continua na pág. 31)



No populoso e moderno Bairro de Alvalade foi inaugurado um excelente parque desportivo, cuja inauguração, a que assistiu o sr. professor dr. Oliveira Salazar, assinalou a passagem do 24.º aniversário da Fundação Nacional para Alegria no Trabalho. Esta panorâmica mostra a formação impecável dos atletas corporativos e o belo aspecto do novo estádio da F. N. A. T.